

um erro perfeito  
série queen's cove | livro 2  
stephanie archer

Tradução de Rita Pires

*Este foi para mim.*



## Avisos de Conteúdo

Para consultar os avisos de conteúdo deste livro, faça *scan* do código QR abaixo ou visite o *site* [www.stephaniearcherauthor.com/contentwarnings](http://www.stephaniearcherauthor.com/contentwarnings)





## Capítulo 1

### *Hannah*

**S**ó nos meus piores pesadelos é que eu faria contacto visual com o Wyatt Rhodes enquanto um cliente me lia um livro erótico sobre ogres.

— Esta é a parte em que eu soube que se passava alguma coisa — disse o Don, o fotógrafo e dono de um *blog* de notícias da nossa cidade. Ajustou os óculos de leitura e passou o dedo pela página do livro. — *Yeuk fez um rugido tremendo e a floresta à sua volta estremeceu. O seu eixo colossal espalhou sémen por toda a Lady Nicoletta, tanto sémen. Baldes de...*

— *Okay.* — Levei uma mão ao ar. — Já percebi, Don. Por favor, já chega.

— Eu vi a capa e pensei que fosse como *O Senhor dos Anéis*. — Ele engoliu em seco e olhou pela janela da frente da loja, perdido nos seus pensamentos e a abanar ligeiramente a cabeça. — Não é — sussurrou. — Não é mesmo. — Virou a página. Um movimento por cima do seu ombro chamou a minha atenção.

O Wyatt Rhodes estava em tronco nu na minha livraria, encostado a uma prateleira e a observar-nos com uma curiosidade divertida. O meu estômago deu uma volta.

O Wyatt Rhodes estava na minha livraria.

Desviei o olhar para os seus abdominais. Tinha tantos, amontoados uns nos outros como os livros da prateleira ao lado dele. Abdominais que nunca mais acabavam.

O Wyatt Rhodes era dono de uma loja de *surf* na cidade, mas passava

a maior parte do seu tempo na água, a treinar para se tornar profissional. Tinha mais de um metro e oitenta e o sol aclarara o seu cabelo louro-escuro. Precisava sempre de um corte de cabelo. Usava calções de banho e ténis. Nunca estivera na Pemberley Books e os seus olhos percorriam o espaço pequeno, absorvendo a tapete velha, as prateleiras que precisavam de ser arranjadas e as pilhas de livros no chão. Lá fora, o mural que a minha mãe mandara fazer há vinte anos estava desvanecido e a desfazer-se.

Vergonha acumulou-se no meu estômago e o meu rosto aqueceu.

Porque estava ele aqui? Ele nem sabia o meu nome.

Escondi as mãos dentro das mangas da minha camisola demasiado grande.

— Ouve esta parte. — O Don aclarou a garganta. — *Lady Nicoletta atirou o grande ogre para a cama com todas as suas forças. «Dá-me a tua semente, ogre»* — leu num tom mais agudo, e as sobrancelhas do Wyatt dispararam.

Eu ia morrer, aqui mesmo, na livraria.

O Don baixou o tom para ler a parte do ogre.

— *Pequena humana, a minha enorme varinha do prazer é demasiado grande para a tua pequena caverna feminina. Vais ser destruída pelo meu pénis enorme...*

— Obrigada, Don. — Arranquei-lhe o livro da mão, abri a caixa registadora e tirei uma nota de vinte dólares que a livraria não podia perder.

O Don ficou de olhos arregalados quando pousei agressivamente a nota no balcão.

— Não quero fazer uma devolução.

Um som que parecia uma risada saiu do Wyatt, mas ele tapou a boca com a mão. Os meus olhos permaneceram colados ao Don.

Ele apontou para as prateleiras do canto.

— Só quero que tires os outros da secção da fantasia. Deviam estar na erótica.

Não tínhamos secção erótica porque éramos uma livraria de uma cidade pequena, mas acenei com veemência. Faria qualquer coisa para terminar esta interação.

— Vou fazer já isso. Obrigada.

O Don mirou-me pelo canto do olho antes de voltar a agarrar no seu livro, de o guardar por baixo do braço e sair da loja.

Ignorando o Wyatt ainda encostado à prateleira a parecer um deus grego, caminhei até à estante onde estavam os livros de ogres e reuni-os nos meus braços. Havia seis livros na série e Liya, a nossa outra funcionária, devia

tê-los comprado achando que eram de fantasia. Levei-os para trás do balcão e deixei-os lá. Encontraria mais tarde um lugar para eles na secção do romance, em crescimento.

O Wyatt continuava ali. O que queria? Não podia ignorá-lo para sempre.

O universo deve ter ouvido o meu desejo porque a sineta da porta da entrada tocou e entrou na loja a Thérèse, com toda a sua elegância, carisma e estilo.

— Minha querida Hannah — cantarolou ela, deslizando até mim.

Thérèse Beauchamp era a mulher mais elegante que eu já alguma vez conhecera. Era francesa, por isso dizia o meu nome como ‘*annah*. Era negra e usava o seu cabelo natural num corte curto e estiloso, e pintava frequentemente os lábios com um batom vermelho-vivo que ficava lindo no seu tom de pele escuro. A Thérèse vestia-se sempre como se fosse para uma sessão fotográfica. Era *influencer* nas redes sociais, por isso as marcas pagavam-lhe para viajar pelo mundo, para ser fabulosa e para viver uma vida linda.

Hoje, usava umas calças largas de ganga azul desbotada que acabavam acima dos seus tornozelos, uma camisa branca de seda com um nó na cintura e sandálias pretas. Por baixo de um braço tinha uma mala de veludo preto e do outro um saco de compras de papel. O seu batom característico brilhava cheio de vida na minha pequena e decadente loja.

Estão a ver? Simples, elegante e intemporal. Por vezes, nem sabia porque ela sequer era minha amiga. Estávamos tão afastadas no estrato social.

A Thérèse passou pelo Wyatt até mim.

— *Bonjour*, Wyatt.

Ele acenou-lhe.

— Thérèse. — Ele não se mexeu do seu sítio, ainda à minha espera.

Podia fugir pelas traseiras. A Liya já saíra, mas se eu fosse para casa também, talvez ele percebesse a mensagem e partisse.

Não era que eu não gostasse do Wyatt. Toda a gente gostava do Wyatt. Era impossível não gostar.

O problema era que eu tinha uma paixoneta por ele desde sempre e não fazia a mínima ideia de como falar com ele. Mal o conseguia olhar nos olhos. Os únicos homens com quem falava eram os fictícios, dos livros que eu vendia.

— Anda. — A Thérèse fez um gesto para que a seguisse e eu olhei para o Wyatt, que ainda estava à espera e a observar. — Tenho uma coisa para ti.

— Para mim? — Segui-a até à parte de trás da loja, onde estavam dois grandes cadeirões azuis. Estes cadeirões eram mais velhos do que eu, e eu e

a minha amiga Avery costumávamos ficar aqui a conversar, a beber vinho enquanto eu punha a tocar as Spice Girls ou lhe mostrava videoclipes escandinavos hilariantes. Vivia com o meu pai numa casa pequena a alguns quarteirões daqui e, até ao ano passado, a Avery vivia num apartamento horrível e velho que cheirava a chulé, por isso as traseiras da loja eram a zona em que convívamos.

A Thérèse sentou-se e entregou-me um saco.

— Meu amor, vou ficar em Paris durante o verão e não tenho a certeza se volto a tempo do teu aniversário.

Pavor apoderou-se de mim e a minha garganta ficou apertada.

O meu aniversário dos trinta anos estava a dois meses de distância, em setembro.

— A *Chanel* convidou-me para ficar na sua casa da moda. — A Thérèse fez uma pausa e bateu com o dedo no queixo de olhos semicerrados. — Se calhar foi a *Yves St. Laurent*. — Inclinou a cabeça. — *Gaultier? Mon Dieu*. Não me recordo. — Ela riu para si própria. — Houve tantos estilistas de alta-costura a ligar ao meu agente, não me consigo lembrar de todos. — Apontou para o saco. — Abre.

Tirei uma caixa branca do saco e pousei-a no colo.

— O que é uma casa da moda?

Com um suspiro, ela abanou uma mão bem cuidada.

— Eu sento-me por lá e eles criam vestidos de alta-costura para a temporada seguinte.

Pisquei os olhos.

— És a musa deles?

Ela encolheu os ombros da sua forma francesa descontraída.

— Algo do género. Hannah, abre a caixa.

Abri-a e fiquei boquiaberta.

Ela fez um som de desapontamento.

— Odeias.

— Não — disse-lhe depressa —, só que... — As lantejoulas douradas brilhavam até na luz escassa quando levantei o vestido, agarrando no tecido das mangas como se me fosse queimar.

Era um vestido de rapariga sensual. A bainha ficaria a meio da coxa. Mangas curtas. Um decote acentuado em V. Este vestido fora feito para uma mulher que quisesse ser vista e adorada. O vestido era lindo, disso não havia dúvidas. Divertido e sensual, rebelde e glamoroso. Infelizmente, eu não era nenhuma dessas coisas.

Isto era um vestido à Thérèse. *Não* era o vestido certo para mim. Eu era a tímida e sossegada Hannah Nielsen, a rapariga com o nariz enfiado num livro.

A Thérèse acenou compreensivamente.

— Já tens um parecido.

Dei uma gargalhada.

— Não. Definitivamente, não. — Olhei para ela com curiosidade. — Thérèse. Obrigada pelo presente, mas porque escolheste um vestido dourado brilhante para... — Apontei para a minha camisola de lã demasiado grande, calças de ganga preta e ténis brancos, a mesma roupa que uso todos os dias. — Mim?

A Thérèse sorriu para si mesma e mostrou-me uma expressão crítica.

— Estive em Sydney há umas semanas e, quando vi isto, pensei em ti. — Ela apoiou um cotovelo no braço do cadeirão e olhou para mim. — Eu sabia que era perfeito para ti.

— Se eu usar este vestido, toda a gente vai olhar para mim. — Arrepiei-me só de pensar.

Ela encolheu os ombros.

— Então deixa-os olhar. Faz com que a vista deles valha a pena.

A Thérèse tinha claramente batido com a cabeça e pensado que eu era outra pessoa.

— Sempre quis visitar Sydney. Ouvi dizer que a comida é incrível.

— É como Vancouver, mas mais quente e as pessoas são muito mais simpáticas. Apaixonei-me várias vezes enquanto lá estive.

— Apaixonaste-te pelas pessoas?

Ela acenou com um sorriso sereno e sonhador.

— *Oui*. — Suspirou. — Adoro apaixonar-me. Já estive apaixonada muitas, muitas vezes.

— Oh. Uau. Eu nunca estive apaixonada. — Já lera sobre isso centenas de vezes nos meus livros. A minha mãe lera-me o *Orgulho e Preconceito* quando eu era pequena e a loja recebeu o seu nome devido à mansão de Darcy no livro. Adorava ler sobre o amor.

Mas nunca estivera apaixonada. O meu coração contorceu-se com desejo ao lembrar-se disso. Quando voltei a Queen's Cove depois da universidade, assumi a responsabilidade diária da loja para que o meu pai se pudesse reformar. Há sete anos que me escondo nesta livraria mal iluminada com carpetes esfarrapadas, estantes partidas e tinta a lascar.

A Thérèse voltou a batucar o queixo.

— *Oui*, acho que não há muitos pretendentes a entrar na tua livraria.  
— Ela apontou para a porta da entrada. — Hannah, tens de sair e encontrar alguém por quem te possas apaixonar.

Ri-me.

— *Okay*. — Fechei a caixa e guardei-a de novo no saco de papel. — Obrigada pela prenda, Thérèse. É maravilhosa.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Vais usá-lo?

Acenei com a cabeça.

— Claro. — Sozinha no meu quarto, talvez.

Isto pareceu satisfazê-la, por isso, levantou-se e deu-me um abraço apertado.

— *Au revoir*, Hannah. Volto no fim de setembro.

— Adeus. Diverte-te a ser uma musa.

— Divirto-me sempre. — Fez-me um sorriso natural por cima do ombro.

Dei a volta à esquina e o meu estômago afundou-se.

O Wyatt Rhodes estava encostado ao balcão a ler o livro erótico sobre ogres com um pequeno sorriso. Pânico atravessou-me o corpo.

A Thérèse desapareceu pela porta da entrada, fazendo tocar a sineta, e eu corri para o Wyatt e tentei tirar-lhe o livro da mão, mas ele manteve-o fora do meu alcance.

— Podes, por favor, devolver-me isso? — perguntei, tentando manter a minha voz educada. Mas o pânico crescia.

— Afinal consegues ver-me. — Ele fez-me um olhar divertido antes de ler do livro. — *Yeuk e Gragol impulsionaram os seus grossos e monstruosos membros para Lady Nicoletta em sincronia. Os seus gritos de prazer e satisfação ecoaram pelas montanhas...*

Oh, meu Deus.

— Wyatt. — Tentei alcançar de novo o livro, mas ele virou-se de costas para mim.

Ergueu as sobrancelhas, e eu estava perto o suficiente para ver como os seus olhos eram cinzentos.

— Até sabes o meu nome.

Revirei os olhos.

— Claro que sei o teu nome. Agora dá-me o livro.

— *A caverna feminina de Lady Nicoletta começou a tremer com a força do seu prazer...*

Tentei novamente alcançar o livro, roçando no braço dele e praticamente

abraçando-o por trás. Os meus dedos tocaram no livro e arranquei-o da sua mão antes de me endireitar. O meu rosto estava em chamas outra vez.

Aclarei a voz e pousei o livro de volta na pilha.

— Posso ajudar-te com alguma coisa?

— Quero levar o livro erótico sobre ogres.

Fiz-lhe um olhar inexpressivo e ele respondeu com um sorriso indolente e divertido. Conseguia, sem dúvida, ver como o meu rosto estava corado.

— A minha mãe pediu-me que viesse buscar o livro dela. Está em Victoria até hoje à tarde e queria começá-lo ainda hoje. Ela disse que tu lhe disseste que chegava esta manhã.

Victoria era a cidade mais próxima, a três horas de distância. A mãe do Wyatt, Elizabeth, era uma mulher carinhosa e divertida, e encomendara um romance histórico que eu lhe recomendara no mês anterior. Estava à espera de que a editora o enviasse há algumas semanas.

Encontrei o livro na prateleira atrás de mim, onde guardava as encomendas especiais, e entreguei-lho.

— Ela já pagou.

— Ótimo. — Ele passou os olhos por mim e eu senti-me nua.

Esta era a diferença entre pessoas sensuais como a Thérèse e o Wyatt, e eu. Eu espreitava para as pessoas por trás das estantes, olhava rapidamente quando elas não estavam a ver. O Wyatt e a Thérèse olhavam abertamente, sem qualquer vergonha ou embaraço.

O Wyatt ergueu um dos lados da boca.

— Obrigado, Hannah.

Era a primeira vez que o ouvia dizer o meu nome. Andámos na mesma escola básica e secundária, e agora vivíamos ambos na nossa pequena cidade costeira de Queen's Cove enquanto adultos, e ele nunca dissera o meu nome. O tipo nem reparava em mim na maior parte das vezes porque estava a surfar enquanto eu estava aqui, nesta bolorenta e velha livraria que a minha mãe abria quando eu era bebé.

A memória da mão dele no fundo das minhas costas estava-me gravada na mente. Eu e o Wyatt estivéramos no casamento da Avery no ano passado. Ela casou com o irmão do Wyatt, o Emmett. Quando assinámos a certidão de casamento, o Wyatt pousou a mão no fundo das minhas costas e incentivou-me a avançar com uma piscadela do olho.

Ainda tremia ao pensar em como a sua mão quente estivera nas minhas costas, mesmo que através do tecido do meu vestido. O sorriso rápido e atrevido que ele me fizera quando eu me detive, boquiaberta.

E agora aqui estava ele, na minha velha livraria, em tronco nu com todos os seus músculos e cabelo húmido.

— Não podes estar em tronco nu aqui — disse. — É um perigo para a saúde.

Ele ergueu uma sobrancelha, divertido.

— Um perigo para a saúde?

O meu rosto aqueceu e eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Podes deixar cair pelos nos livros.

O quê?

— Posso deixar cair pelos... nos livros — repetiu ele, enrolando os lábios para esconder um sorriso.

— Sim. Pelos do peito.

Ele riu-se e eu quis afundar-me nesta carpete feia dos anos noventa.

— Bem, nesse caso, vou-me embora. — Ele virou-se e encaminhou-se para a porta, o seu conjunto de músculos das costas movendo-se enquanto andava. — Avisa-me se encontrares algum pelo do peito, eu venho buscá-los.

Desapareceu pela porta e eu pude respirar de novo.

Passei os minutos seguintes a arranjar espaço na secção de romance para os livros eróticos de ogres. A secção de romance estava a crescer e ocupava mais prateleiras do que o policial e os *thrillers*. Esse pensamento deixou-me satisfeita. No ano passado, a secção dos romances e de erotismo teve o dobro do lucro do policial e do *thriller*. Os romances eram metade das nossas míseras vendas.

Quem me dera que pudéssemos vender apenas romances, mas o meu pai não gostaria disso. Ele não tem nada contra os romances, só não gosta de mudar nada na livraria. A loja era da minha mãe e, se a mudássemos, bem, seria praticamente cuspir na sepultura dela.

Uma notificação caiu no *email* da loja e eu dirigi-me ao computador para a ler.

O meu coração parou.

O pagamento da Liya fora recusado. Não tínhamos dinheiro suficiente na conta ontem à noite. O meu estômago deu um nó uma e outra vez, enquanto corria para transferir o dinheiro da minha conta-poupança para a conta da loja. Ela não dissera nada hoje, por isso talvez ainda não tivesse reparado. Transferi a quantia manualmente e rezei para que ela não reparasse no primeiro pagamento falhado.

Parece que eu não ia receber um ordenado no futuro próximo.

Desilusão sangrou para o meu estômago e pressionei os lábios numa

linha, analisando as contas. O meu pai era dono do edifício, por isso não havia renda para pagar e podíamos agradecer aos preços baixos das casas em Queen's Cove nos anos noventa porque hoje em dia não seria possível fazer essa compra. Contas da luz, o ordenado da Liya, impostos, taxas pelo nosso sistema de cartões de crédito — no total o valor era superior ao que fazíamos em vendas.

Esta era a loja da minha mãe e eu estava a levá-la à falência. O meu pai confiara em mim para continuar o sonho dela, e o que quer que fosse que eu estava a fazer não era suficiente.

Pedras reboavam no meu estômago quando pensei em quanto ela amava esta loja. Falecera quando eu tinha dezasseis anos com um aneurisma. Estava a dobrar a roupa. Eu encontrava-me em casa de uma amiga a trabalhar num projeto para a escola e o meu pai encontrou-a.

Olhei para os cadeirões azuis onde eu costumava sentar-me quando era pequena a ler e a ouvir enquanto ela corria pela loja, atirando livros para as mãos dos clientes e falando o mais depressa que conseguia. Ela adorava livros, adorava pessoas e brilhava com carisma, luz, energia e diversão.

A minha mãe era a alma da festa. Costumava fazê-las a toda a hora aqui na loja, só para se divertir. Só porque podia.

Sorri para mim mesma com a recordação.

*Um dia, vais encontrar o teu verdadeiro amor, tal como o Sr. Darcy, dizia-me ela, com entusiasmo a iluminar-lhe os olhos.*

Reparei no saco de compras branco que ainda estava no cadeirão azul. Já não havia clientes na loja, por isso fui até lá, trouxe-o para a secretária, tirei a caixa e levantei o vestido mais uma vez.

Era deslumbrante.

A minha mãe usaria definitivamente um vestido como este.

E se ela me visse agora, escondida na livraria, a deixá-la colapsar, a desperdiçar a minha vida? Ficaria tão desapontada.

Deixei escapar um longo suspiro, brincando com esta ideia dolorosa.

O que faria ela nesta situação? Faria tudo o que pudesse para que a loja tivesse sucesso de novo. E sairia para encontrar alguém por quem se apaixonar.

Quando a minha mãe tinha trinta anos, ela tinha tudo — um parceiro, a mim, um negócio que adorava e uma ótima vida. A loja era dela e o meu pai confiou em mim para a gerir.

Não podia desapontar os dois, mesmo que ela já cá não estivesse. Tinha de arranjar uma maneira de dar a volta à loja.

## Capítulo 2

### *Hannah*

— **C**heguei — gritei quando entrei pela porta da pequena casa que partilhava com o meu pai.  
— Olá, querida. — O meu pai estava na sua cadeira favorita na sala, a ler o livro mais recente do John Grisham. — Tiveste um dia bom na loja?

Fiz-lhe um pequeno sorriso enquanto tirava os sapatos.

— A Thérèse passou por lá para dizer olá.

Ele não reparou que eu fugi à pergunta.

— Que bom.

— Vou acabar de preencher papelada.

Quando cheguei ao meu quarto, guardei o saco de compras branco que a Thérèse me dera por baixo da cama, o mais longe que consegui.

Depois, sentei-me à secretária, abri o computador e contabilizei as vendas do dia.

Quatro vendas.

Ainda nem conseguíamos chegar ao ordenado da Liya hoje. Suspirei e olhei pela janela para as árvores atrás da casa. Outro mês à rasca. Isso fazia onze. Onze meses de seguida em que estávamos a perder dinheiro. Pensei na livraria da mesma forma que o Wyatt a deve ter visto hoje — velha, com carpetes feias, papel de parede desvanecido, livros empilhados por todo o lado.

A loja não iria sobreviver na nossa pequena cidade por muito mais

tempo. O meu corpo encheu-se de pânico. Era só uma questão de tempo até se acabarem as poupanças e o meu pai descobrir como a loja *realmente* estava.

*Foi assim que ela quis*, dizia ele sempre que eu sugeria que teríamos mais vendas se fizéssemos algumas alterações. *A tua mãe deu tudo por aquela loja*.

O tom dele tornava tudo claro: se mudássemos a loja, estaríamos a apagar a memória dela.

Não fizemos qualquer mudança na livraria desde o dia em que ela faleceu. Os mesmos quadros estavam pendurados nas paredes. A mesma carpete castanha poeirenta estava estendida no chão. As prateleiras permaneciam onde foram instaladas há anos. Até o nosso *website* era dos anos noventa. Ninguém o usava nessa altura, de qualquer forma.

Mas isso foi há catorze anos. Agora as pessoas usavam *websites* a toda a hora.

No meu computador, abri o *browser* e escrevi o endereço do *site*. Quando carregou, uma pequena e tilintante música tocou, uma canção vitoriana que soava a algo do ano de 1800. *Pemberley Books* apareceu por cima de uma fotografia da minha mãe ao balcão, rodeada de livros e com um sorriso de orelha a orelha.

Deixei escapar um longo suspiro. Ela era linda e, quando sorria daquela forma, era óbvio que ser dona da sua própria livraria era o seu sonho.

E agora eu estava a destruí-lo por completo.

Fechei o computador e afastei a imagem da minha mente.

Meia hora depois, o temporizador do forno tocou e eu tirei de lá uma bandeja de vegetais assados e grão.

— Alguma coisa cheira bem. — O meu pai entrou na cozinha. Eram assim muitas das nossas noites, antes de escolhermos os livros e lermos na sala de estar.

— Olha, pai. — Pousei a bandeja sobre o fogão e tirei dois pratos.

— Mmm? — Ele abriu a gaveta dos talheres e tirou garfos e facas.

— Estava a pensar. — Mantive o olhar na comida enquanto a transferia para dois pratos. — Há algumas contas de livrarias nas redes sociais muito boas. Tiram ótimas fotografias, fazem recomendações de livros e são uma forma gratuita de fazer publicidade. — Ele ficou em silêncio e eu olhei para ele. — Todas as livrarias as têm — continuei, pousando os pratos na mesa.

Ele suspirou e sentou-se à minha frente. Fez-me um sorriso triste e hesitante.

— Querida.

Com essa palavra, eu já sabia. O meu estômago afundou-se.

— Acho que ia ajudar a aumentar as vendas.

A expressão dele ficou tensa.

— Já tivemos esta conversa. O charme da Pemberley vem de não fazermos as coisas como todos os outros. — Ele abanou o garfo. — Estas lojas gigantes com as suas luzes fluorescentes e escadas rolantes? Sabes o que vendem?

Tentei não revirar os olhos.

— Cachecóis.

— *Cachecóis*. — Arregalou os olhos. — Velas. E sabes que mais eu ouvi dizer que vendem?

Eu esperei.

O meu pai olhou em volta na cozinha como se houvesse pessoas que o pudessem ouvir.

— *Objetos pessoais*.

Franzi o sobrolho.

— Que tipo de objetos pessoais?

O rosto dele estava a ficar vermelho. Aclarou a voz.

— A Miri Yang disse-me que viu um *vibrador*. — Ele mal sussurrou a palavra.

Pressionei os lábios para não me rir.

— Porque é que a Miri Yang te falou de vibradores?

Ele abanou a cabeça.

— Nós não queremos ser como aquelas lojas gigantes, Hannah. A Pemberley tem o charme de um negócio de família. Foi assim que a tua mãe quis.

Bem, ali estava. Não podia argumentar contra isso, pois não? Sempre que eu queria melhorar a loja, esta era a sua cartada final. *Foi assim que a tua mãe quis*. Quase que conseguia ouvir a porta a fechar-se. Não era a minha loja, era do meu pai e da minha mãe, e eu apenas trabalhava lá. Não podia tomar decisões.

Abri a boca para dizer alguma coisa ao meu pai sobre como poderíamos tentar algo novo, mas a minha garganta deu um nó e a minha boca ficou fechada. Eu não era boa nesta parte, na parte de discutir.

— Já não vais lá há algum tempo.

Ele desviou o olhar para o prato e formou-se uma ruga na sua testa. Abanou a cabeça.

— Tenho estado ocupado ultimamente. — Deu uma dentada nos brócolos e acenou o garfo para mim. — Eu sei que tu tomas conta daquilo.

Contive outra risada. Ocupado? Ele não entrava na livraria há algum tempo porque o fantasma da minha mãe se escondia em todos os cantos.

Desconforto movia-se pelo meu estômago e espetei o garfo num cubo de inhame assado. Todas as noites, chegava a casa e jantava à mesa com o meu pai. Depois, líamos os nossos livros nos sofás da sala, com as nossas canecas de chá. Ele bebia chá preto e eu de hortelã-pimenta. Às dez horas certas, ele bocejava, dava-me um beijo na testa e ia para a cama e, às onze da noite, eu vestia o meu pijama e ia deitar-me.

Era o mesmo todas as noites e seria o mesmo para o resto da minha vida. Nos últimos sete anos, desde que voltei da faculdade, usei as mesmas roupas, comi as mesmas refeições, acordei e fui para a livraria a maior parte dos dias. Usava o mesmo cabelo louro comprido e liso, frequentemente apanhado num rabo de cavalo. Quando os meus óculos se partiram há uns anos, comprei exatamente o mesmo modelo.

Nada mudara, nem na loja nem comigo. O meu peito ficou vazio ao pensar nisso. Era assim que seria o resto da minha vida?

Não, não seria, percebi, porque a livraria não se iria aguentar por muito mais tempo se as coisas continuassem como estavam. Pânico surgiu de novo na minha mente.

— Esqueci-me de te dizer uma coisa — disse o meu pai, levantando-se e levando os nossos pratos vazios para a máquina da loiça. — O teu tio Rick precisa de alguém que tome conta da casa dele durante o verão, por isso vou ficar lá por uns tempos. O vizinho dele não pôde ajudar porque venderam a casa deles.

O meu tio vivia em Salt Spring Island, uma pequena ilha na costa de Vancouver. Todos os verões, velejava ao longo da costa da Colúmbia Britânica enquanto o vizinho lhe tomava conta da casa. Tinha algumas cabras e gatos que precisavam de ser alimentados diariamente.

— Vais estar fora o verão inteiro? — Pisquei os olhos por detrás dos óculos. — Isso é muito tempo. — Ele nunca ficara fora tanto tempo. Eu ficaria em casa sozinha o verão inteiro.

Uma expressão preocupada surgiu no seu rosto.

— Vais ficar bem aqui sozinha?

Forcei uma gargalhada.

— Claro. Sou adulta.

Mais tarde, no meu quarto, atirei-me de cabeça para a cama. Conseguia sentir a presença do vestido, mesmo estando arrumado num canto escuro por baixo da cama.

Dois minutos depois, estava a tentar chegar ao fecho por cima do ombro antes de me virar e olhar para mim mesma no espelho. A Thérèse tinha acertado no tamanho e servia-me perfeitamente.

Mas usar este vestido parecia uma piada. Como quando as pessoas punham óculos de sol de adultos nas crianças e toda a gente se ria.

Aqui estava eu, com quase trinta anos, e não tinha nada de jeito para contar. Ainda vivia com o meu pai, não tinha conquistado nada e nunca estivera apaixonada. Nunca tivera um namorado. Nunca fora à Europa ou à Austrália ou a Nova Iorque, como as personagens dos livros que lia.

*Um dia, Hannah Banana, vais encontrar o teu amor verdadeiro, dizia sempre a minha mãe, neste mesmo quarto, normalmente com um livro na mão. Lembrava-me do seu sorriso suave quando me aconchegava na cama. Vais encontrar alguém que te fará sentir incrível e perguntar-te-ás onde ele andou escondido este tempo todo.*

Era eu que me escondia. O amor da minha vida nunca me encontraria atrás de uma pilha de livros na minha loja velha e poeirenta.

Uma fotografia minha com a Avery no seu casamento estava pousada na cómoda. Ríamo-nos uma para a outra e ela irradiava felicidade. No ano passado, o Emmett convencera a Avery a ser sua noiva falsa enquanto concorria a presidente da Câmara. Ele entrara na minha livraria e pedira-me ajuda para escolher um anel. O cuidado e atenção que ele colocara em encontrar o anel perfeito? Nunca fora falso para o Emmett. No dia do casamento deles, a Avery e o Emmett não conseguiam tirar os olhos um do outro. Ainda não conseguem. Vi-a apaixonar-se por ele, vi-os tornar-se a coisa mais importante um do outro.

Eu também queria isso.

Uma pedra aterrou no meu estômago.

A minha mãe ficaria tão desapontada comigo. Cruzei os braços à frente do peito, lembrando-me de como ela era motivada, como era apaixonada e entusiasmada pela loja. Ela veria a minha vidinha triste e contorcer-se-ia com desilusão, ou, pior, com vergonha.

Analisei o vestido e passei os dedos pelas lantejoulas ásperas. Queria ser digna deste vestido. Queria tornar a loja rentável de novo. Queria encontrar alguém por quem me apaixonar.

Olhei para o meu reflexo por mais um momento antes de abrir a gaveta e tirar uma folha de papel e uma caneta.

*Antes dos 30:*

*1. Salvar a minha livraria à beira da miséria.*

Como o meu pai tinha a ideia fixa de manter a loja nos anos noventa, teria de ser criativa.

## 2. *Encontrar o meu verdadeiro amor.*

Encolhi-me por soar tão piroso. Ninguém veria esta lista.

Olhei para o meu reflexo outra vez. As lantejoulas refletiam pontos de luz nas paredes do quarto.

## 3. *Tornar-me uma rapariga sensual.*

O vestido brilhante era um vestido de uma rapariga sensual. Se eu queria amor verdadeiro, tinha de sair e ir atrás dele. Não podia ficar sentada na livraria com as minhas camisolas aborrecidas à espera de que ele aparecesse.

Isto era tão estúpido.

Ocorreu-me uma ideia e ergui uma sobrancelha.

O Wyatt conhecia raparigas sensuais. O Wyatt não namorava, mas eu já o vira com mulheres várias vezes e elas eram sempre absolutamente deslumbrantes. Cabelo brilhante, maquilhagem perfeita, roupa estilosa saída das revistas. Raparigas sensuais.

A imagem dele na minha livraria hoje passou-me pela cabeça. As pessoas sensuais atraíam pessoas sensuais. Isso era um facto da vida. E o Wyatt? Ele tinha raparigas a caírem aos seus pés.

O mais engraçado era que ele não queria saber. Ele só se importava com o *surf*.

O que fazia com que as mulheres o quisessem ainda mais. Franzi o sobrolho e semicerrei os olhos. Teria de pensar em algo que eu pudesse fazer.

Mordi o lábio antes de escrever a última.

## 4. *Deixar a mãe orgulhosa.*

Um nó formou-se na minha garganta e eu pestanejei para afastar as lágrimas dos olhos. Pronto. Já estava. Eu sabia que ela iria olhar para a minha vida agora e desejaria que eu tivesse feito mais.

Ora bem, chegava de lamechices. Assim que vesti o pijama, alcancei o meu computador da secretária e abri-o, vendo um videoclipe escandinavo.

Após alguns vídeos, a tensão no meu estômago acalmou e aninhei-me na cama. Sorri ao ver um vídeo de uma das minhas artistas europeias favoritas, a Tula. Era uma mulher pequenina com cabelo volumoso e olhos enormes. Neste vídeo, ela estava vestida de sereia, pendurada numa rocha com uma cauda cheia de escamas e torcia os dedos à volta da sua peruca verde e longa enquanto cantava em finlandês. Atrás dela, tritões musculados estavam no oceano, dançando e balançando ao som da música. Alguns agarravam em lanças de tridente, outros usavam redes de pesca como capa.

Meu Deus, adorava o *pop* europeu.

O vídeo cortava para um plano aproximado de um dos tritões e eu quase caí da cama.

Fiquei boquiaberta quando o Wyatt Rhodes se balançou no ar atrás da Tula.

Os meus olhos abriram-se muito quando os passei pelos mesmos músculos que vira esta tarde na loja. Só que estes músculos moviam-se debaixo de tinta corporal prateada, com escamas decorativas coladas.

Oh, meu Deus.

O tritão era o Wyatt. Tinha a certeza. Era o seu cabelo louro desgrenhado penteado para trás e pintado de prateado, os seus músculos definidos, o seu sorriso indolente, confiante e que derretia cuecas.

Vi o vídeo seis vezes para ter a certeza, alternando entre contorcer-me e gozar.

Não era possível que a Avery soubesse disto. Ela sabia que eu adorava *pop* europeu e nunca mencionara isto, o que significava que ela não sabia. O que significava que o Emmett não sabia.

O que significava que ninguém sabia.

*Huh.*

Semicerrei os olhos para o ecrã. O Wyatt rodopiava o seu tridente no ar e eu ri-me.

Não era segredo nenhum para a cidade que a vida toda do Wyatt era o *surf*, toda a sua existência. Ele saía com a sua prancha quase todos os dias, não importava se estava frio ou se o mar estava agitado. Toda a gente sabia do seu sonho de se tornar profissional e a Avery mencionara que ele estava a tentar arranjar patrocínio de uma das grandes marcas do *surf*.

Arrepiei-me com antecipação e perigo. O Wyatt tinha todo o conhecimento sobre raparigas sensuais que eu queria e agora eu sabia podres sobre ele.

Podia pedir à Avery que me ajudasse a tornar uma rapariga sensual, mas ela não era como eu. Ela era confiante. Não iria entender. Ela nunca quisera apaixonar-se pelo Emmett. Evitara-o ativamente. Além disso, ela dir-me-ia para ser eu própria.

Ser eu própria tinha desperdiçado uma década da minha vida e não me levava a lado nenhum. Não, eu não ia pedir ajuda à Avery.

Mas o Wyatt era perfeito. Ele tinha todas as qualidades de que eu precisava. Eu tinha uma pequena paixoneta por ele, mas ele seria o último rapaz *no mundo* por quem me apaixonaria. O homem dos meus sonhos era doce,

cavalheiro, simpático e, sobretudo, adorava livros e Queen's Cove. O Wyatt sairia da cidade assim que conseguisse o patrocínio.

O mais importante era que eu tinha uma carta na manga que o Wyatt não queria que fosse revelada.

Tornar a loja rentável, isso conseguia eu fazer sozinha. A cena do verdadeiro amor acabaria por acontecer assim que me tornasse uma rapariga sensual como a Thérèse. Ela própria o dissera na loja, *já me apaixonei muitas, muitas vezes*.

Conseguia ouvir a minha pulsação nos ouvidos e respirei fundo, mordendo o lábio. Não queria impedi-lo de ter o patrocínio, por isso, nunca mostraria o vídeo a ninguém, apenas o utilizaria para o convencer a ajudar-me.

O Wyatt Rhodes ia ensinar-me a ser uma rapariga sensual.

## Capítulo 3

# Wyatt

**M**esmo depois de amanhecer, fui até à praia com a minha prancha de *surf* e olhei para o céu azul. O Sol nascia e o céu ficava mais azul a cada minuto.

*Fabuloso, caraças.*

Uma leve brisa empurrava o meu cabelo para trás e eu entrei na água. Tal como nas outras manhãs, a temperatura fria da água despertou-me e lembrou-me de que estava vivo.

Continuei a entrar, pousei a minha prancha na superfície e remei. A água entrava no meu fato de mergulho quando os braços se moviam. Algo dentro de mim acordou. O céu ainda estava a clarear, salpicando cores por todo o lado e, assim que me encontrava longe o suficiente, sentei-me na prancha com uma perna de cada lado, a olhar para cima, flutuando ao ritmo da corrente. As florestas cor de esmeralda nasciam do oceano, árvores gigantes que haviam visto milhares de nasceres do Sol como este. Respirei fundo.

Todos os dias, eu vinha para aqui o mais depressa que conseguia, acordando de madrugada e saindo do meu pequeno *bungalow* na praia. Todos os dias, ficava maravilhado com a beleza deste sítio, desta pequena cidade em que eu cresci.

Queen's Cove era popular por todo o mundo pelo *surf*. Este era um dos únicos sítios no Canadá em que podíamos surfar as ondas e, apesar da água fria, atraíamos surfistas de primeira todos os verões, assim como milhares de turistas. Oceano, montanhas, florestas — o que mais se pode querer?

Todos os dias, o oceano relembra-me de como eu era insignificante. Se eu deixasse, o oceano podia devorar-me e descartar-me.

Sentar-me na prancha durante alguns minutos todas as manhãs antes de surfar era a minha saudação à Mãe Natureza.

*Obrigado por me deixares ter esta experiência. Obrigado por não me devorares.*

Um sorriso cresceu nos meus lábios e eu saí da prancha para a água, remando para lá da zona de rebentação, onde estariam as ondas boas. Como de costume, eu era a única pessoa na água a estas horas. Parece aquela sensação de correr por neve fresca e intocada. Aquela satisfação de desfazer a superfície branca suave antes de qualquer outra pessoa. Era assim que me sentia todas as manhãs. O oceano era meu por algumas horas.

Durante essas horas da manhã, era como se eu fosse a única pessoa no planeta.

Avistei uma onda enquanto nadava para a baía, pus-me em cima da prancha e remei depressa, alinhando-me com ela. A onda aproximou-se e, quando entrava na crista, pus-me em pé na prancha, utilizando todos os músculos do meu corpo para ficar direito enquanto a força hidráulica por baixo dos meus pés me impulsionava para a frente.

Uma onda de adrenalina instalou-se nas minhas veias.

Esta coisa do *surf* nunca deixava de ter piada. Se trabalhasse o suficiente, se mantivesse o foco, poderia qualificar-me para me tornar profissional e poderia fazer isto para o resto da vida.

Após algumas horas, voltei para terra para tomar o pequeno-almoço e abrir a minha loja de *surf*. Estávamos no auge da época de turismo e a loja precisava que todos metessem mãos à obra, mas eu contratara algumas pessoas extra este verão. A loja tinha fundos para isso, portanto eu podia passar mais tempo na água este verão.

Cheguei à loja meia hora depois, com um café numa mão e um *bagel* de pequeno-almoço na outra. Destranquei a porta, liguei as luzes e abri os computadores para verificar se havia *emails* importantes.

— Olá, amigo — chamou o Carter, um dos trabalhadores de verão, da porta. O Carter tinha vinte e poucos anos, cabelo despenteado pelos ombros e viera para Queen's Cove para surfar e ir a festas. Até era bom surfista, na verdade, e dava aulas a principiantes.

— Olá — disse eu de volta, clicando nos *emails*, eliminando lixo e assinando alguns de que trataria mais tarde. Mas os meus olhos ficaram presos num e o meu estômago contorceu-se.

*Pacific Rim Worlds* chamou a minha atenção.

Os Campeonatos Mundiais de Pacific Rim eram uma competição de *surf* que acontecia anualmente em Queen's Cove. Contava para as qualificações, o que significava que, se os surfistas tivessem pontuações altas, podiam passar para competições a nível profissional e ser considerados surfistas profissionais. Ganhariam a atenção das grandes marcas de *surf* e podiam ter patrocínios a esse nível.

Não era qualquer pessoa que podia competir no Pacific Rim. Tínhamos de concorrer. Ano após ano, fora rejeitado. Finalmente, no ano passado, conseguira.

E depois acobardei-me.

O ano passado era a minha oportunidade e eu deixei-a escapar. Ainda me lembro da forma como a água empurrou a prancha por baixo de mim. A força da água que deixou marcas no meu rosto e peito. O meu estômago ardeu com essa memória.

Não contara a ninguém a verdade sobre o que acontecera.

O ano inteiro, no fundo da minha mente, tive a certeza de que me iriam rejeitar outra vez. Se calhar achavam que uma oportunidade era suficiente.

*Faz as malas porque foste aceite na Competição Pacific Rim Worlds em Queen's Cove, em setembro, dizia o email.*

Um sorriso espalhou-se pelo meu rosto e suspirei. Tornar-me profissional ainda era possível. Surfar era uma atividade tanto mental como física e não fazia sentido preocupar-me com o ano anterior. Tinha dois meses para me concentrar.

— Mano — disse o Carter de forma lenta por cima do meu ombro, espreitando para o ecrã. — Conseguiste? Parabéns. — Ele estendeu o punho e eu sorri, mas bati com os meus nós dos dedos nos dele.

— Obrigado, mano.

— Precisas que alguém tome conta da loja quando te tornares profissional? Dei uma gargalhada e fechei o *email*.

— Não nos vamos precipitar. — Entre tomar conta da loja e a renda que recebia da pequena casa que eu comprara à minha tia, estava confortável, mas não corriam rios de dinheiro. Tornar-me profissional significaria voar pelo mundo para competições e festivais, e isso ia tornar-se uma grande despesa depressa.

O Pacific Rim não era só a minha oportunidade de me tornar profissional, era uma oportunidade de conseguir um patrocínio. Era assim que todos os profissionais faziam. As competições davam algum dinheiro, mas era com

os patrocínios que funcionava. Tudo o que tinha de fazer era usar o equipamento deles, surfar nas pranchas deles e posar para algumas fotografias de vez em quando.

Se não conseguisse o patrocínio, teria de fazer mais videocliques como o do inverno passado para aquela artista *pop*. Ri para mim mesmo e esfreguei a cara, lembrando-me de como a tinta corporal se colara à minha pele. O vídeo pagou bem, mas não quero fazer mais nenhum. Não contara a ninguém da cidade porque iriam gozar comigo para sempre, especialmente os meus irmãos.

A porta abriu-se e uma família com três adolescentes entrou na loja de *surf*.

— Viemos para a nossa aula — disse-me a mãe, radiante de entusiasmo, e eu sorri-lhe de volta.

— Fixe. Bem-vindos. — Apontei para o Carter ao meu lado. — O Carter vai ajudar-vos. Divirtam-se, é um ótimo dia para estar no mar.

O Carter saiu de trás do balcão e bateu as palmas.

— Muito bem, família Hathaway! Estão prontos para entrar na onda?

Eu ri-me e dirigi-me às traseiras para tirar os calções de banho. Já pendurara o fato de mergulho molhado para que secasse no corredor atrás da loja. A família ainda ia demorar pelo menos vinte minutos a conseguir vestir os seus fatos de mergulho nos balneários. Nunca ninguém vinha às traseiras da loja exceto os funcionários, e, esta manhã, éramos só eu e o Carter.

Atirei os meus calções para o corrimão, ao lado do fato de mergulho. Estava como vim ao mundo quando alcancei a minha mala.

Ouvi um ligeiro suspiro de surpresa atrás de mim.

A Hannah Nielsen estava de olhos esbugalhados e boquiaberta, a olhar para o meu rabo nu. Piscou os olhos três vezes antes de o seu rosto ficar vermelho e de dar meia-volta.

Contive uma gargalhada. A coitada da Hannah parecia ter visto um fantasma. Um fantasma nu. O divertimento era óbvio no meu riso.

A Hannah era a melhor amiga da minha cunhada. O casamento do Emmett, no ano passado, foi uma festa divertida e o tipo parecia estar feliz. Toda a cena do casamento e compromisso a longo prazo não era para mim. Tudo no universo era temporário, incluindo as relações e o amor, mas se o Emmett queria mergulhar de cabeça, a vida era dele.

A Hannah fora testemunha no casamento deles e andámos na mesma escola quando éramos pequenos, mas ontem, na livraria dela, foi a interação mais prolongada que já tivemos. Mas não por falta de tentativas da minha

parte. A Hannah tinha medo da própria sombra e havia algo em mim que parecia deixá-la nervosa.

A sua expressão petrificada de ontem enquanto eu lia o livro erótico sobre ogres passou-me pela cabeça e o meu sorriso cresceu.

Abri o fecho da minha mala a um ritmo lento.

— Posso ajudar-te com alguma coisa?

— Porque estás nu? — A voz dela era aguda.

— Estava a tirar o fato de banho. Porque estavas a olhar fixamente para mim nu? — Sorri e vesti um par de boxers. Conseguia ver como o pescoço dela estava corado a três metros de distância.

— Não era para te ver nu de propósito. O Carter disse que estarias aqui.

— Podes virar-te, já não estou nu.

Ela virou primeiro a cabeça, olhando de relance por cima do ombro para garantir que eu não estava a mentir, e depois relaxou. Mas os olhos dela demoraram-se no meu peito, tal como ontem na livraria.

Contive uma risada. A amiguinha tímida e calada da Avery estava a avaliar-me. Quem diria?

Algo surgiu dentro de mim e eu senti um impulso para me meter com ela. Ela era sempre reservada. Nunca a via em festas ou no bar, nunca na praia num belo dia de verão como toda a gente. Ela ficava simplesmente na sua livraria.

Ela não percebia, mas era gira. No casamento do meu irmão, usou um vestido azul-claro que fazia sobressair a cor dos seus olhos. Nunca a vira usar nada como aquele vestido e, ao longo da noite, os meus olhos voltavam sempre para ela, observando como o vestido se movia sobre a sua pele, como lhe envolvia o rabo. Tinha um corpo lindo, com ligeiras curvas e pele suave.

Nunca pensara nela dessa forma.

Hoje, usava uma camisola grande com mangas demasiado grandes para ela, calções de ganga e ténis. As suas pernas eram longas e brancas e, mais uma vez, reparei em como a pele dela parecia suave.

Afastei esse pensamento da minha mente. A Hannah não era uma rapariga para encontros casuais. A Hannah era tímida e tinha medo de tudo.

Ela engoliu em seco e o seu olhar caiu nos meus boxers, voltando a corar.

— O que se passa? Chegaram livros novos eróticos que me queres mostrar?

Ela fez-me um olhar rápido e irritado e eu enrolei os lábios para evitar um sorriso. Ajeitou-se no seu lugar.

— Tens um escritório onde possamos falar?

Isso atiçou a minha curiosidade.

— O meu escritório é um armazém de fatos de mergulho de inverno neste momento.

— Oh. — Engoliu em seco. Ficava querida a torcer as mãos daquela maneira. — Então esquece. — Deu meia-volta.

Admirei a curva do seu rabo enquanto se afastava. Estava prestes a virar-me e a voltar para dentro da loja quando ela parou de andar, respirou fundo e se voltou para mim, o queixo erguido e uma expressão determinada no rosto.

— Tenho uma proposta para ti.

A minha mente divagou para um lugar perverso.

— Bem, surpreende-me. — Um sorriso indolente emergiu no meu rosto e os meus olhos percorreram a Hannah enquanto eu vestia uns calções por cima dos boxers. Os músculos dela estavam tão tensos e contraídos. — A Hannah tímida anda pela cidade a pedir sexo.

Ela engasgou-se e o seu rosto ficou tão vermelho que podia pegar fogo.

— Eu *não* ando pela cidade a pedir sexo. Preciso da tua ajuda com uma coisa.

Eu acenei.

— Sexo.

A cabeça dela abanava de frustração.

— Não! Não tem nada a ver com sexo. Pelo menos, não sexo contigo. — Ela abanou a cabeça. — Esquece a parte do sexo. Preciso da tua ajuda para... — Mordeu o lábio e eu ergui uma sobrancelha. — Preciso da tua ajuda para me tornar...

— Surfista.

— Não...

— Proprietária de uma casa. — Este jogo era divertido.

— Não...

— Queres viajar mais.

Ela hesitou.

— Sim, mas não.

— Queres aproveitar a vida, vivê-la um dia de cada vez, aceitar plenamente que somos insignificantes quando comparados ao poder do universo e que devíamos apreciar cada segundo das nossas vidas sem culpa ou apego.

Algo mudou no seu olhar e ela mordeu o lábio. Os seus olhos cruzaram-se com os meus. Sempre pensei que os seus olhos eram azuis, mas tinham também tons de verde.

— Mais ou menos.

Agora é que ela me surpreendera *mesmo*. O que se passaria na cabeça deste rato de biblioteca?

— Quero que me ensines a ser uma rapariga sensual.

Olhei para ela, confuso, perplexo e indeciso.

Ela acenou com as mãos para clarificar.

— Tu conheces muitas raparigas sensuais. E vais para a cama muitas vezes.

Dei um passo atrás com um sorriso divertido.

— Pareceu que me estavas a julgar por fazer sexo.

Ela abanou veementemente a cabeça, de olhos arregalados atrás dos óculos.

— Não quis que soasse dessa forma. Quero dizer, tu sabes o que todas essas mulheres têm em comum. Só dormes com raparigas sensuais.

A minha expressão era uma mistura de surpresa e divertimento. Era isto que as pessoas pensavam de mim? Parecia ser útil para arranjar com quem dormir.

Ela respirou fundo e acenou.

— Quero que me ensines a ser assim.

— Como eu?

Ela acenou outra vez.

— Como tu.

Semicerrei os olhos.

— Porquê?

Ela ergueu o canto da boca.

— Não tens nada a ver com isso.

Eu ri-me.

— Então vou tirar as minhas próprias conclusões. Estás farta de te esconder naquela livraria escura todo o dia e queres conhecer alguém.

Ficou de olhos arregalados. Bingo.

— Vou fazer trinta anos em breve. — Contorceu os dedos. — Está na altura de mudar algumas coisas.

As minhas sobrancelhas juntaram-se. Ela não precisava de mudar nada. Era adorável, com olhos bonitos e uma pequena boca doce. Até os óculos dela eram fofos, a parecer uma croma. A gola da camisola dela estava descaída e havia uma alça rosa-clara a espreitar, e os meus olhos percorreram a sua silhueta. No casamento do Emmett, ia convidá-la para dançar, mas sempre que tentava, ela tinha desaparecido.

Senti arrependimento no meu peito. Devia ter-me esforçado mais para a convidar para dançar no casamento.

Ela querer mudar aborrecia-me. Muitos homens da cidade correriam se tivessem a oportunidade de estar com ela, mas ela não se apercebia disso. Precisava de sair da livraria por um bocado.

Mas não havia forma de lhe dizer isto que não soasse condescendente. Fiquei ali, de braços cruzados, a olhar para ela enquanto ela parecia prestes a fugir se eu falasse demasiado alto ou fizesse movimentos repentinos.

Uma pequena, pequena parte de mim queria fazer isto. Algo nela me deixava curioso. A determinação silenciosa escondida debaixo do seu exterior dócil. Queria picá-la, escavar para ver o que estava por baixo.

Talvez fosse algo interessante.

Surfar ensinara-me a confiar nos meus instintos, e os meus instintos apontavam diretamente para ela.

Mas o Pacific Rim continuava na minha mente. Tinha dois meses para conseguir surfar o máximo de ondas que conseguisse. Dois meses para me focar. Não tinha tempo para distrações.

— Não tenho tempo para te ensinar como te meteres com alguém. Desculpa, rato de biblioteca. — Encolhi os ombros e encostei-me à ombreira da porta. O olhar dela desceu até ao meu tronco nu outra vez e satisfação piscou dentro de mim.

Coitada da Hannah, toda excitada. Ela só queria ir para a cama com alguém.

— Se queres arranjar rapazes — disse —, vai ao bar, usa aquele vestido do casamento do ano passado, senta-te sozinha ao balcão e, em dez minutos, alguém irá ter contigo e meter conversa.

A imagem dela a dançar no casamento com a Avery apareceu na minha cabeça. Estavam a rir-se, a ser patetas e a divertir-se. Com a Avery, ela sorria abertamente e deixava algo dentro dela brilhar. Tinha uma centelha de divertimento dentro dela, mas mantinha-a trancada.

Por dentro, ela não era este camarãozinho envergonhado.

Afastei o pensamento da minha cabeça. Não era um problema meu.

Ela cruzou os braços, copiando a minha posição, e contraiu o maxilar.

— Queres arranjar patrocinadores, certo? A Avery contou-me. Eu ajudo-te a gerir as tuas redes sociais. Todos os outros surfistas têm redes sociais, mesmo antes de terem patrocínios. As pessoas precisam de reparar em ti.

Parei e franzi-lhe o sobrolho. Ela tinha razão. Odiava lidar com as

redes sociais, olhar para ecrãs o dia todo. Não me importava o suficiente para ser bom nisso. Preferia olhar para o oceano, para as montanhas ou para o céu.

— Surfear é a forma de arranjar patrocinadores — disse-lhe. Não tinha a certeza se eu próprio acreditava nisso. — Tenho de me focar no *surf*.

Ela engoliu em seco e o seu peito subiu quando respirou fundo de novo.

— Eu não queria fazer isto, mas não tenho outra alternativa. — Os olhos dela encontraram os meus. — Sei do vídeo da Tula.

As minhas sobrancelhas dispararam de surpresa, mas eu ri-me.

— *Okay*.

Ficou boquiaberta de choque.

Ri-me de novo.

— O que foi, queres que me ponha de joelhos? Por favor, Hannah, não contes a ninguém acerca do vídeo?

Ela gaguejou.

— Eu não... eu não sei.

— Olha, não me importa se as pessoas sabem do vídeo. Não me importa o que as pessoas pensam. Desculpa, ratinho de biblioteca. — Abri a porta das traseiras da loja.

— Nenhuma marca de *surf* fixe vai patrocinar uma sereia prateada!

Eu parei à frente da porta e inclinei a cabeça para ela.

— Um *tritão*.

Ela levantou as sobrancelhas desafiando-me, tendo alguma dificuldade em manter o contacto visual. Ela queria desistir. Conseguia senti-lo.

Ergui o canto da boca.

— Estás a chantagear-me?

Os olhos dela estavam tão abertos. Cruzou os braços e levantou o queixo.

— Sim.

Este era um lado da Hannah que eu nunca tinha visto. Destemida. Olhou fixamente para mim, forçando-me a ajudá-la.

Pesei as minhas opções. Não me importava assim tanto que alguém descobrisse o vídeo. Pagou-me o suficiente para poder ir a um festival de *surf* na Austrália e não me arrependia de o ter feito.

Ela voltou a remexer-se. A determinação dela desvaneceu. Conseguia ver as fendas no muro que ela pensara que tinha conseguido erguer hoje. Estava prestes a desmoronar, ir-se embora e nunca mais falar sobre isto.

Por algum motivo, esta versão dela intrigava-me e queria ver mais.

Entregar as minhas redes sociais a alguém seria um descanso. Tudo o

que teria de fazer era dar-lhe alguns leves empurrões para fora da sua zona de conforto.

— Está bem, ratinho de biblioteca. — Dei alguns passos lentos em direção a ela, observando-a atentamente. A sua expressão mudou de desafiadora para chocada.

— Está bem? — Pestanejou. — A sério?

Eu acenei, aproximando-me ainda mais.

— Hum. Com uma condição.

Ela mordeu o lábio e os seus olhos ergueram-se até aos meus.

— O quê?

— Tens de fazer tudo o que eu te mando. — A minha voz era grave.

Ela engoliu em seco.

— Tudo?

— Tudo. — Mostrei-lhe um sorriso indolente. — Estarás sempre segura, mas não vou deixar que continues a ser uma medricas.

— Não vais deixar que continue a ser uma medricas — repetiu ela para si mesma. Acenou de novo. Despoletara uma guerra interna na sua cabeça.

— Sim. Sim. *Okay*. — Ela esticou a mão e olhou-me nos olhos, de queixo erguido outra vez daquela forma determinada.

Um aperto de mão? Adorável. Aceitei a sua mão suave com a minha e abanei-a. O meu peito estava estranho. Entusiasmado, cheio de antecipação.

— Vem aqui ter comigo amanhã às cinco e meia.

A boca dela formou um O.

— A livraria só fecha às seis.

Voltei para dentro da loja.

— Cinco e meia da manhã — gritei por cima do ombro. — Traz um fato de banho.

Ela arregalou os olhos, alarmada, e abriu a boca para protestar, mas eu entrei antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

O meu dia tinha acabado de ficar muito mais interessante.